

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS

ANNE KAROLA CARLOS DA ROCHA

**A FESTA DO VAQUEIRO NA CIDADE DE ISAIAS COELHO (1973 -
2007)**

PICOS – PI,
2012

ANNE KAROLA CARLOS DA ROCHA

**A FESTA DO VAQUEIRO NA CIDADE DE ISAIAS COELHO (1973 -
2007)**

Monografia submetida à Coordenação do Curso de História da Universidade Federal do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Profa. Me. Olivia Candeia Lima Rocha

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

R672f R672f Rocha, Anne Karola Carlos da.
A Festa do vaqueiro na cidade de Isaias Coelho (1973 -
2007) / Anne Karola Carlos da Rocha. – 2012.
CD-ROM : il. ; 4 ¾ pol. (53 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2012.
Orientador(A): Prof. MSc. Olívia Candeia Lima Rocha

1. História – Piauí. 2. Isaias Coelho. 3. Sertão. 4. Festa do
Vaqueiro. I. Título.

CDD 981.812 2

A FESTA DO VAQUEIRO NA CIDADE DE ISAIAS COELHO (1973 - 2007)

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Me. Olívia Candeia Lima Rocha
Professora Orientadora

Prof. Dr. Johny Santana de Araújo
Professor Examinador

Prof. Me. Dayvide Magalhães de Oliveira
Professor Examinador

Profa. Esp. Maria de Lourdes Santos Gomes
Professora Examinadora (suplente)

Quando é no mês de novembro
Dando a primeira chuvada
Reúne-se a vaqueirama
Em frente à casa caiada
Vão olhar no campo pasto
Se a rama já está fechada

O vaqueiro da fazenda
É quem se monta primeiro
No seu cavalo castanho
bonito e muito ligeiro
E vão ao campo pensando
Na filha do fazendeiro

Corre dentro da caatinga
Rolando em cima da sela
Se desviando dos espinhos
Unha de gato e favela

Alcymar Monteiro

AGRADECIMENTO

Em meio a tantos desgastes e lutas hoje sinto-me imensamente feliz em concretizar esta trabalho. Tantas noites mal dormidas, estudando, transcrevendo entrevistas e tendo que conciliar o trabalho com estudo, mas que todos os meus esforços não foram em vão.

Agradeço a nosso bondoso Deus por me oferecer sabedoria, paciência e perseverança, por nunca me deixar fraquejar.

Aos meus pais Alcides e Maria, pelo esforço, dedicação e amor, por sempre estarem ao meu lado, enfrentando todos os momentos da vida com força e coragem.

Aos meus irmão, Ana Makrina, Alex e Alan, pelo amor e companheirismo.

A minha amada sobrinha Cinthia Allana, por me trazer amor e felicidade.

A minha família Carlos, Rocha e agregados pelo apoio.

A minha orientadora Olívia Candeia, pela paciência, apoio e dedicação.

A minha tia Marlene Mauriz, pela colaboração e apoio com as fontes visuais.

A todos os meus amigos, por me proporcionar momentos felizes na minha vida.

A todos os professores que contribuíram para a concretização deste momento.

A todos agradeço infinitamente por tudo, muito obrigado!

Amo todos vocês!

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a Festa do Vaqueiro, no município de Isaias Coelho. A Festa é um momento cultural tradicional, realizado uma vez ao ano em diversas cidades nordestinas, em especial na cidade de Isaias Coelho no período de 1973 a 1975 e 2005 a 2007, dedicados especialmente ao vaqueiro. Como uma típica manifestação cultural a festa simboliza práticas culturais e religiosas sertanejas. Assim como em diversas cidades do sertão nordestino, o município de Isaias Coelho nasce da atividade da pecuária. O vaqueiro como símbolo desta prática adquiriu importância social no interior do Nordeste, através da instalação das fazendas e do trabalho com o gado. Seu cotidiano é vivido no espaço tradicionalmente identificado como sertão nordestino, cujo povoamento caracteriza-se pela forma desordenada, estabelecendo grande propriedade de terras com pouca densidade populacional, com a criação do gado como principal atividade econômica.

Palavras-chaves: História; Sertão; Festa; Vaqueiro.

ABSTRACT

This study aims to analyze the Cowboy Festival, the city of Isaias Coelho. The Feast is a traditional cultural moment, held once a year in several northeastern cities, especially in the city of Isaias Coelho from 1973 to 1975 and from 2005 to 2007, dedicated especially to the cowboy. As a typical manifestation of the cultural festival symbolizes cultural and religious practices hinterland. As in many cities in the northeastern hinterland, the city of Isaias Coelho comes from livestock activity. The cowboy as a symbol of this practice acquired social importance within the Northeast, through the installation of the farms and work with cattle. Your everyday life is lived in space traditionally identified as the northeastern hinterland, whose settlement is characterized by disorderly manner, establishing large land ownership with low population density, with the creation of cattle as the main economic activity.

Keywords: History; Hinterland; Party; Cowboy.

ILUSTRAÇÕES

Ilustração 01: Passeata dos vaqueiros pela cidade	41
Ilustração 02: Chegada dos vaqueiros à Igreja Santana e São Joaquim	41
Ilustração 03: Missa em homenagem aos vaqueiros	42
Ilustração 04: Aboio dos vaqueiros	42
Ilustração 05: Corrida dos vaqueiros	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 AS TRANSFORMAÇÕES DO CAMPO HISTORIOGRÁFICO	15
2 A PECUÁRIA, A FORMAÇÃO DO SERTÃO NORDESTINO E A CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ISAIAS COELHO	19
2.1 Formação do Sertão Piauiense	21
2.2 De Isaias Coelho a Tamboril	24
2.2.1 Origem do Nome	28
2.2.2 Localização Geográfica	29
3 O VAQUEIRO E A FESTA DO VAQUEIRO	32
3.1 Festa do Vaqueiro	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERENCIAS	49
FONTES ORAIS	52

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por proposta analisar as festas do vaqueiro na cidade de Isaias Coelho, considerando o processo de formação da sociedade. A história da sociedade, como afirma Hobsbawm (1998, p. 92) “é uma colaboração entre modelos gerais de estrutura e mudanças sociais e o conjunto específico de fenômenos que de fato aconteceram”.

O recorte temporal em estudo é entre 1973 a 1975 e 2005 a 2007, tempo referente ao acontecimento das festas. Nestes anos os festejos aconteciam em agosto, no entanto em datas diferentes, pois eram sempre planejadas para o fim do referente mês. O ambiente em que ocorreram as disputas da festa era propriedade privado do Sr. Joaquim Pereira da Rocha¹, homem do campo que teve sua vida ligada a criação do gado.

O recorte espacial tem como objeto de estudo a cidade de Isaias Coelho, que nasce da atividade pecuária, conduzida pelo Sr. Daniel Gomes Pinheiro², em meados dos anos 1877.

Foram analisadas neste estudo, a formação do sertão nordestino, piauiense e da cidade de Isaias Coelho, a imagem cultural do vaqueiro como personagem histórico e, por fim, a Festa do Vaqueiro.

Foram entrevistados três vaqueiros, o senhor Osvaldino da Silva³, vaqueiro aposentado, o senhor Francisco Santana da Rocha⁴, vaqueiro e presidente da comissão de organização do evento entre os anos de 2005 a 2007, e o senhor Joaquim Pereira da Rocha, vaqueiro que cedia suas terras para a festa. São um dos vaqueiros mais antigos da cidade e que participaram de todos os eventos nos dois períodos em existiu a festa.

A realização da festa é dividida por momento, o primeiro era o desfile nas ruas, o segundo a missa em homenagem aos vaqueiros, logo após o café da

¹ Sr. Joaquim Pereira da Rocha, vaqueiro e ministro da igreja de Nossa Senhora Santana e São Joaquim.

² Sr Daniel Gomes Pinheiro, primeiro habitante da localidade Tamboril.

³ Sr. Osvaldino da Silva, vaqueiro aposentado e participante de todos os períodos de existência da festa.

⁴ Sr. Francisco Santana da Rocha, vaqueiro e presidente da comissão da Festa do Vaqueiro nos anos de 2005 a 2007.

manhã e em seguida inscrições para as disputas. No decorrer do dia aconteciam as disputas e a noite era realizada uma festa dançante na praça local. No dia seguinte continuavam as atividades, e para encerrar, no fim da tarde com a premiação dos primeiros colocados.

É através dos conceitos das representações culturais e de memória coletiva que iremos compreender as relações sociais no sertão nordestino. Através da História Oral podemos resgatar a história de uma sociedade onde a memória coletiva torna-se um instrumento formidável para a compreensão da lembrança de uma coletividade.

A memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (LE GOFF, 1990, p.366)

As representações sociais acionam um conceito que trabalha com o pensamento social em sua dinâmica e em sua diversidade, ela conglomeram explicações, opiniões e amostras culturais que diferenciam um grupo específico. Através das representações sociais podemos conhecer todas as sociedades, compreender seus avanços, o seu modo de vida e o comportamento de cada indivíduo de um determinado grupo social.

Através desse estudo procuraremos o vaqueiro como personagem histórico no processo de colonização do estado piauiense, verificando práticas e costumes voltados à atividade da pecuária.

Enquanto, objeto de estudo a festa do vaqueiro nos proporciona um imenso desafio, pois no decorrer do trabalho encontramos obstáculos em relação a publicações que abordassem o tema, haja visto a carência de fontes documentais que nos esclareçam o acontecimento, mas que devido a sua ausência recorreremos as fontes orais como fundamento para a concretização deste trabalho.

A escolha desta temática tem como ligação à herança familiar, que durante décadas viveram do trabalho com o gado. Pretendemos a partir da Festa do Vaqueiro, compartilhar o modo de vida do vaqueiro, sujeito humilde e simples.

Buscamos realizar o trabalho a partir de relatos de vaqueiros, levando em consideração suas vivências e experiências além de crendices e superstições que rodeiam a imagem do vaqueiro.

Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: deslocar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta. (THOMPSON, 1992, p. 197)

Utilizaremos como metodologia principalmente as entrevistas, levando em conta a memória, pois para Tapety (2007, p. 11) “se coloca como elemento constituinte do sentido de identidade, pela sua importância no sentimento de continuidade e coerência, de uma pessoa ou de um grupo ou na construção de si”.

Pesquisas foram realizadas na Prefeitura Municipal de Isaias Coelho , no entanto não foram encontrados documentos escritos sobre a festa, recorrendo então para os recursos visuais e as fontes orais, os relatos dos vaqueiros, considerando que é uma das poucas fontes que foram encontradas. .

A memória dos vaqueiros e dos organizadores está ligada à construção da identidade cultural da cidade, relacionadas às práticas dos vaqueiros e da simbolização que o evento trouxe para a população. Para Hobsbawn (1998, p. 186) “não há povo sem história ou que possa ser compreendido sem ela”.

Por tanto, o nosso trabalho terá como método a História Oral, pois é de grande importância para a análise e compreensão do evento, segundo a descrição dos acontecimentos de acordo com as fontes orais que são importantes, pois nos permite perceber os diferentes aspectos das festas, possibilitando-nos captar informações que serão esclarecedoras das subjetividades, emoções e vontades de cada colaborador.

Utilizando a metodologia da História Oral que registra a memória individual ou coletiva de uma sociedade, Freitas (2002) define em um método que “consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio de técnicas de entrevistas que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso de desse método”.

Conforme Odair da Cruz Paiva (2003) a valorização das experiências de indivíduos e grupos, as trajetórias e experiências fazem com que os historiadores que desenvolvem pesquisas com os mais diferentes enfoques – culturais, migrações

e religiosidade, entre outros – se defrontem com a necessidade de recuperar com as mais diversas histórias. Por outro lado, professores, agentes comunitários, estudantes ou profissionais de centros de pesquisa e memória encontram, no resgate das oralidades, importantes fontes de pesquisa e trabalho. A recuperação de múltiplas trajetórias e expectativas condiz com a necessidade de constituição de uma sociedade cada vez mais plural e democrática. Significa a incorporação de vozes e experiências que, de outra forma, seriam ocultas e negadas. Nessa recuperação e incorporação, residem a atualidade e a importância de História Oral: produzindo novas fontes históricas, orientando as políticas públicas, valorizando expressões culturais, ou resgatando a cidadania, essa metodologia de trabalho revela sua importância acadêmica e social.

Para Amaral e Faria (2006) ao voltar-se para a vida social a História Cultural pode tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço. No entanto, a História Cultural deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido. Com isso os processos estabelecidos envolvem a relação que se estabelece entre a história dos textos, a história dos livros e a história da leitura.

Segundo Chartier (1990) a História Cultural é importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. As representações para o mesmo podem ser pensadas como “esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17)

A memória do ponto de vista de Le Goff (1990) como propriedade de formar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história. Com a passagem da oralidade à escrita, a memória coletiva e, mais particularmente, “a memória artificial” são profundamente transformadas.

Le Goff (2005) afirma que a história oral como uma nova concepção do documento ainda não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador. O

documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer “a verdade”. É preciso reestruturar o documento para descobrir suas condições de produção. Quem detinha, numa sociedade do passado, a produção dos testemunhos que, voluntária ou involuntariamente, tornaram-se os documentos da história? Ao mesmo tempo é preciso delimitar, explicar as lacunas, os silêncios da história, e assentá-la tanto sobre esses vazios quanto sobre os cheios que sobreviveram.

Thompson (1992) pressupõe que a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estarão sujeita a serem descrições defeituosas, projetos de experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção.

Le Goff (1990) assegura que a evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.

Na perspectiva de Amado e Ferreira (2006) a abordagem do fenômeno da oralidade é ver-se defronte e aproximar-se bastante de um aspecto central da vida dos seres humanos: o processo da comunicação, o desenvolvimento da linguagem, a criação de uma parte muito importante da cultura e da esfera simbólica humana. A história oral é mais do que uma decisão técnica ou de procedimento, que não é uma depuração técnica da entrevista gravada; nem pretende exclusivamente formar arquivos orais; tampouco é apenas um roteiro para o processo detalhado e preciso de transcrição da oralidade; nem abandona a análise à iniciativa dos historiadores do futuro. Ela poderia distinguir-se como um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros”.

O vaqueiro é representado, de acordo com Tapety (2007), em diversas obras literárias ambientadas na vida rural piauiense, como *Ataliba – o vaqueiro*, de Francisco Gil Castelo Branco e *Visconde e Vaqueiro – biografia romanceada de Né de Sousa*, do autor oirense José Expedito Rego, e em obras de projeção nacional

como Vidas Secas de Graciliano Ramos, entre outros. As imagens do vaqueiro cristalizadas nas narrativas literárias revelam uma identidade associada ao fenômeno da seca e aos acontecimentos dela conseqüentes, como o processo de migração ao qual é submetido quando precisa abdicar de seus parques pertences em busca de novas condições de vida. Na composição da imagem do vaqueiro a masculinidade é um aspecto definidor de sua identidade e merece consideração na construção de um perfil que foi sendo forjado ao longo dos séculos, associado à valentia do homem sertanejo, os quais fazem parte, tipos como, senhor de engenho, coronel, vaqueiro, o matuto, o jagunço, etc.

O trabalho foi dividido em três capítulos, incluindo a introdução e conclusão. No primeiro capítulo discutimos a metodologia da história oral, a História Cultural e a Escolas dos Annales como embasamento para a construção deste trabalho.

No segundo capítulo debatemos sobre de colonização e formação do espaço nordestino, piauiense e o processo de formação da cidade de Isaias Coelho ambos guiados pela atividade da pecuária.

O terceiro e ultimo avaliamos o vaqueiro como personagem histórico no processo de colonização no Piauí, e a Festa do Vaqueiro apresentando sua importância e significado para a população local.

Assim propomos desenvolver o objeto em estudo embasado na sistematização metodológica principalmente na História Oral, para compreendermos sua importância, ressaltando o modo de vida e tornando possível o acesso à história destes atores sociais, os vaqueiros, que contribuíram para constituir a história da cidade de Isaias Coelho.

1 AS TRANSFORMAÇÕES DO CAMPO HISTORIOGRÁFICO

Delineando o conceito sobre Metodologia da História Oral, Delgado (2006) disserta que o estudo histórico é um método que utiliza fontes, narrativas, literatura, lembranças, documentos escritos, fotos, vídeos, depoimentos e explicações, sejam elas individuais e coletivas, onde todos estes elementos são necessários para o conhecimento histórico.

A memória, como elemento primordial da História Oral, é um procedimento excepcional que utiliza a entrevista e os depoimentos para registrar os momentos, os sentimentos, os acontecimentos, as lembranças de um indivíduo ou de uma comunidade.

É um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações da História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2006, p. 15)

A história oral envolve diversos desafios, necessitando o depoimento ser, analisado e interpretado, pois a entrevista pode, muitas vezes, ganhar dimensões de acordo com a fala, as omissões, e o silêncio, pois de acordo com Delgado (2006, p. 30) “cuidados especiais é preciso ser adotado para que o pesquisador não se torne refém do depoimento recolhido, em prejuízo da sua capacidade analítica”.

A relação entre História e a memória é definida na utilização do passado como fundamento para o não esquecimento e a perda das lembranças. A memória utiliza o passado como elemento primordial na concretização do presente, tornando-se fundamental na formação de identidade cultural, com em conduta e costumes coletivos.

Delgado (2006) aponta que a História, a memória e o tempo estão integrados, pois o tempo da memória excede até o tempo individual localizando o tempo da História, sendo suprida de lembranças, de tradições, de histórias do passado. Portanto a memória terá que estar sempre ativa para conduzir conhecimentos em diversos tempos.

Para Burke (2006) a relação tradicional entre a História e a memória, não é mais considerado tão simples, tornando-as cada vez mais incertas, sendo

necessário que o historiador considere que, a interpretação e distorção dos fatos são feita por uma seleção consciente ou inconsciente pelos grupos sociais, e não somente por um único indivíduo.

A História e a memória surgem a partir de experiências vividas por um indivíduo ou uma sociedade, portanto é preciso para a construção de um documento histórico a análise minuciosa dos dados apurados, organização dos documentos, relerem e avaliarem as entrevistas, reordenar os fatos.

Sobre o pressuposto do estudo da Metodologia da História Oral, Delgado (2006) afirma que a eficácia deste método deve-se ao seu caráter heterogêneo e principalmente dinâmico quando se refere ao passado. A construção de documentos a partir a história oral requer uma manobra bastante complexa na produção destes estudos. A memória é o aliado principal da história oral porque permite ao historiador analisar as diferentes características em cada fato histórico, diferenciando a visão de um indivíduo para a visão coletiva.

A história é construída por todos os segmentos de uma sociedade, por indivíduos que compartilham momentos vividos, fatos e ações, atuando de diferentes formas no seu dia-a-dia ou na vida social, pública.

Os sujeitos construtores da História são líderes comunitários, empresários, militares, trabalhadores anônimos, jovens que cultivam utopias, mulheres que labutam no cotidiano da maternidade e, simultaneamente, em profissões variadas, são líderes e militantes de movimentos étnicos, são educadores que participam das novas gerações, são intelectuais que pensam e escrevem sobre os problemas da vida e do mundo, são artistas que através do seu ímpeto criativo, representam realidades e sentimentos nas artes plásticas, nos projetos arquitetônicos, nos versos, nas composições musicais, são cientistas que plantam o progresso e a inovação tecnológica, são políticos que se integram à vida pública, adotando ou uma prática de estatura maior ou fazendo do espaço público local de práticas patrimonialistas. Os sujeitos da História são, enfim, anonimamente ou publicamente deixam sua marca, visível ou invisível no tempo em que vivem, no cotidiano de seus países e também na história da humanidade. (DELGADO, 2006, p. 56)

Em se tratando de História Cultural, o campo de pesquisa é bastante vasto, que além de estudar a filosofia, a sociologia, a artes, a literatura examina também as manifestações populares. Grande parte de pesquisas e estudos realizados utilizam a história cultural para a realização e elaboração do conhecimento histórico. Para Burke o passado interpreta o presente:

A história cultural também é uma tradução cultural da linguagem do passado para o presente, dos conceitos da época estudada para os de historiadores e seus leitores. Seu objetivo é tornar a “alteridade” do passado ao mesmo tempo visível e inteligível. (BURKE, 2006, p. 245)

O método utilizado pela História Cultural como afirmar Pesavento (2004) permite ao historiador enxergar os fatos históricos não esquecendo que um acontecimento pode ser alvo de diferentes versões, mas que a História pode estabelecer que não existe verdades absolutas e sim regimes de verdades.

A História Cultural utiliza a pluralidade como opção para a resolução de problemas e conflitos nas classes sociais. Por abranger diversos conceitos, o termo cultura é considerado o responsável pela concepção e interpretação dos atos entre o indivíduo e a sociedade.

A importância em estudar as culturas resulta na compreensão das relações de uma sociedade uma vez que deve ser levado em consideração cada grupo e seus momentos específicos.

Para a construção do conhecimento histórico foi necessária inovação no campo, e na Escola dos Annales de acordo com Reis, a história tradicional foi inovada, foram designadas novas situações para o conhecimento histórico.

O Historiador dos Annales abordou a história com um “novo olhar”, isto é, com uma nova representação do tempo histórico. Ao se aproximar das ciências sociais, os Annales realizaram uma revolução epistemológica quanto ao conceito de tempo histórico, ou melhor, uma renovação profunda, uma mudança substancial na forma de sua compreensão. (REIS, 2000, p.15)

A Escola dos Annales tornou-se responsável pela inovação do tempo histórico em termos tanto teórico como metodológico. Para isso foram desfeitas as barreiras que limitavam o conhecimento e a transformação, foram inseridas a abordagem de repetição e permanência, antes impensáveis, se tornando o foco para os historiadores. Surgiram novos pensamentos a respeito da história que esta sendo produzida. Será criado um novo tempo histórico com prudência e precisão.

O surgimento dos Annales deve-se a necessidade de inovação das práticas historiográficas, pois os tradicionais conjuntos teóricos não estavam mais suprindo as novas realidades do mundo. Com as modificações que estavam acontecendo na História, Reis, assegura os benefícios para a produção dos documentos históricos para o historiador.

O arquivo do historiador renovou-se e diversificou-se. E as técnicas de procedimentos tornaram-se mais sofisticadas e complexas. Agora, a história poderá ser feita com todos os documentos que são vestígios da passagem do homem. O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão vencida pelo tempo. Não é possível mais dividir a história em pré-história e história, baseando-se na inexistência de documentos escritos na pré. (REIS, 2000, p. 24)

Esta nova história passou por diversas transformações. A primeira foi no momento da 1ª Guerra Mundial que desfez com as tradições da História política. Outro segundo momento ocorre quando os líderes políticos já estão no poder. O último conclui com o objetivo dos Annales a modificação das histórias políticas e socioculturais. O movimento dos Annales trouxe uma importante contribuição para o campo da historiografia, principalmente brasileira, como afirma Reis (2000, p. 45) que “a história, portanto, renova-se teórico-metodologicamente de forma profunda a partir da reconstrução do tempo histórico pelos Annales”.

O estudo, acima discutido, sobre a noção das transformações historiográficas será utilizada na presente pesquisa como fontes teóricas e metodológicas para a concretização do estudo da manifestação cultural em questão, a festa do vaqueiro.

2 A pecuária, a formação do Sertão Nordestino e a criação do Município de Isaias Coelho.

Neste capítulo iremos discutir o processo de colonização, formação e caracterização do sertão. Analisaremos a vida cotidiana do sertanejo, especificamente no município de Isaias Coelho, levando em consideração o povoamento e o desenvolvimento do espaço.

Na região Nordeste o processo de colonização teve início com a expansão do açúcar que por sua vez proporcionou a introdução e ampliação da criação de gado. De acordo com Silva (2000), por volta do século XVII, o que motivou a penetração de diferentes pessoas no interior da colônia foi às invasões holandesas e os choques, junto às disputas entre as lavouras e a terra para o pasto. O gado foi um importante meio para a introdução dessa marcha sertão à dentro.

Esta dificuldade de adentra no sertão ocasionou em batalhas sangrentas, aprisionamento e extermínio entre os bandeirantes e os nativos e negros fugitivos. Pelo território piauiense migraram diversas tribos indígenas nômades, dentre os índios mais importantes, estavam os grupos dos Tupis, Tapuias e Caraíbas. Com a chegada dos colonizadores as tribos que residiam nas terras piauienses não aceitaram pacificamente o domínio. As tribos que não conseguiram fugir das terras piauienses travaram conflitos sangrentos que massacraram grande parte da população indígena e submetendo os mais dóceis e os que conseguiram sobreviveram ao extermínio.

Diversas tribos foram aprisionadas e submetidas ao homem branco, pois segundo Mott (1985, p 50), “os índios são tratados e referidos como problema ou entrave a conquista e ocupação dos tratados ou espaços desejados à expansão da pecuária”.

Além disso, outra dificuldade em criar o gado solto e produzir açúcar na mesma região, os senhores de engenho tiveram que enviar o gado sertão adentro, pois seu interesse estava na produção do açúcar. Isso abriu novos caminhos para o avanço e desenvolvimento para a criação do gado. Outro fato que propiciou a pecuária na região sertaneja foi às grandes extensões de terras disponíveis. O gado foi de fundamental importância para a economia do sertão, por ser uma atividade vantajosa para os fazendeiros. Apesar de enfrentar problemas, como a perda de parte do gado na locomoção para os centros comerciais e as doenças, a pecuária

era a atividade que mais apresentava lucros para os fazendeiros. A sociedade piauiense desenvolveu seu modo de vida junto à pecuária, consumiam a carne e o leite, utilizavam o couro para a fabricação de roupas, utensílios domésticos e até ferramentas para o trabalho diário.

Inicialmente a expansão da pecuária se deu na Bahia que se estendeu até o rio São Francisco e posteriormente chegando ao Piauí e o Ceará.

As primeiras expedições em território piauiense são datadas do final do século XVI e princípio do século XVII, motivados pelos interesses da Coroa Portuguesa em empreender trabalho de cunho ideológico, visando à catequese dos nativos para o trabalho na lavoura da cana-de-açúcar. (TAPETY, 2007, p. 29)

Sobre o sertão, nota-se a existência de diferentes e diversos no Brasil, mas que em comum tiveram a criação de gado como principal elemento da economia sertaneja. “É também identificado como um lugar inculto, longe do litoral e dos centros civilizados, marcado pelo rigor climático da região, bem como pela pobreza e violência de seus habitantes”. (BRANDÃO, 2008, p. 122) A visão traçada para o sertão nordestino é de um lugar inabitado, distante e que não oferece condições de vida.

Tem o sertão do Piauí pertencente à Nova Matriz de Nossa Senhora da Vitória, quatro rios correntes, vinte riachos, com cinco riachinhos, dois olhos d'água e duas lagoas, que moram 441 pessoas entre brancos, negros, índios, mulatos e mestiços. Mais lagoas e olhos d'água têm em que moram algumas pessoas que, por todas as de sacramentos, fazem o numero de 605, em que entra um arraial de Paulistas, com muitos tapuias cristãos, o qual governa, o Capitão Francisco Dias Siqueira. Com os que não são de Sacramento chega o numero de todas as pessoas, de uma a outra qualidade [... batizados que ficam à obediência de novas igrejas (conforme o rol dos confessados). Os nomes e paragens das fazendas se acham no rol abaixo, com a distancia de léguas que há em umas às outras, e nomes dos homens que nelas estão por arrendamento (CARVALHO, 2009, p. 22)

A formação do sertão nordestino se deu então de forma irregular sendo construídas inúmeras fazendas de gado com um número reduzido de funcionários e cuja atividade principal era a criação do gado.

O termo sertão ou certão era utilizado em Portugal, talvez pelo século XVII, para referir-se a áreas situadas dentro daquele país e distante de Lisboa. Até o final do século XVIII, foi largamente utilizada pelas coroas portuguesas pela Coroa Portuguesa nas colônias. Construídas pelos portugueses para designar o outro, o distante, a categoria sertão é absorvida pelos colonizados, transformando-se, a partir do século XIX, no

Brasil, num termo polissêmico, profundamente ligado ao entendimento da nação. Assim, cinco séculos depois da invenção da Terra de Santa Cruz, continua alimentando as ciências sociais, a literatura, o cinema, a teledramaturgia, a música, as artes plásticas, enfim, o imaginário do ser Brasil. (MORAES, 2007, p. 4)

O conceito de sertão abrange diferentes e diversas opiniões. Existem idéias que surgem sobre a imagem fantasiosa do sertão a respeito de interpretações de costumes e de figuras de linguagens, ou seja, uma construção de opiniões criada socialmente capaz de determinar símbolos com capacidade de instituição social, com diferentes maneiras de interpretar o conceito a respeito de sertão, de como se deu o plano de aquisição e ocupação desta parte do Brasil.

2.1 Formação do Sertão Piauiense

Em meados do século XVII, o povoamento do Piauí teve origem nas expedições de aventureiros que desejavam possuir sesmarias e conseqüentemente melhorarem suas condições de vida ou aumentar suas fortunas. Estas empreitadas foram financiadas pela Casa Torre, uma instituição que bancava as despesas para estes apresadores de índios e que desejasse descobrir novas terras, era formada e governada pela família Ávila, da Bahia. A primeira expedição foi comandada pelo português Domingos Afonso Sertão, que se tornou grande proprietário de fazendas de gados e de sesmarias, sendo considerada a mais importante, a Aldeia do Cabrobró. Estas eram adquiridas informalmente bastando apenas um pedido, a permissão era concedida através de ordenações régias estabelecendo que as sesmarias devessem ser doadas, mas que teriam que ser exploradas.

O processo de formação do espaço do sertão nordestino brasileiro teve início na segunda metade do século XVII com a divisão do Nordeste em duas longas áreas, nomeada de Sertão de Dentro e Sertão de Fora, que contiveram no desenvolvimento de sua sociedade diferente e diversos grupos e contextos sociais. Foram construídas a partir daí fazendas de gados e sítios instalados por colonos que se unia a outras regiões através do fornecimento de gado que abastecia o mercado colonial brasileiro. (BRANDÃO, 2008, p. 121)

Os irmãos Francisco Dias Ávila e Bernardo Pereira Gago, herdeiros da Casa Torre, foram também os primeiros a possuir o título das terras piauiense juntamente com os Mafrenses, regendo autoritariamente suas terras. Entretanto, os donos das

terras em sua maioria não ocupavam efetivamente a região, tomavam posse da mesma, mas retornavam a seus lugares de origem deixando aos cuidados de vaqueiros ou arrendavam as sesmarias.

Afirma Queiroz (2006) que uma das dificuldades em povoamento das terras do Piauí seria devido a distancia entre uma sesmaria a outra, muitas vezes eram separadas por léguas. O isolamento tornava impossível o contato das fazendas com os centros urbanos, dificultando, portanto no povoamento da região, ficando escassos os núcleos urbanos.

No início do século XVII o Piauí era o meio de passagem das Capitânicas da Bahia e Pernambuco. O Piauí foi anexado ao Pernambuco sendo sua comarca até o ano de 1701, quando foi enviado ao Governo de Pernambuco, uma Carta Régia, que anexava o Piauí a Capitania do Maranhão. Em 1711, a Capitania foi instalada e recebeu o nome de Grão-Pará e Maranhão. Foi restaurada e organizada, e em 19 de junho de 1861 teve sua autonomia decretada:

O Piauí obtém sua autonomia político-administrativa por meio do Decreto-Régio de Criação da Capitania de São José do Piauí, consolidando, legalmente, o lugar que, na prática, existia a mais de um século e sobrevivia da exploração do gado, couro e charque para a zona litorânea e Europa. (SILVA; SILVA, 2009, p. 118)

O motivo da extensão das fazendas de gado deve-se à necessidade de grandes áreas para a atividade da pecuária impulsionada pela economia açucareira, pois a criação do gado estava ganhando lugar importante na economia do Brasil colônia, e devido à facilidade na instalação de fazendas. Devido alguns fatores geográficos, pois a região tem como característica a caatinga e o cerrado, os animais precisaram de um tempo para se adaptar ao ambiente ou até mesmo se deslocarem para outras regiões instalando novas fazendas a procura de novos pastos e água em abundância.

A relação da sociedade pecuarista, devido ao caráter da criação extensiva, não era coesa e os habitantes – entre eles o vaqueiro – não possuíam moradia certa, iam se deslocando atendendo a necessidade do gado em busca de pastos bons para a alimentação (TAPETY, 2007, p. 37)

O desenvolvimento da pecuária e conseqüentemente o surgimento de fazendas e currais foram os responsáveis pela colonização das terras piauienses. A população sertaneja percebeu nessa atividade uma forma de melhoria nas

condições econômicas, pois a mesma tornou-se uma atividade de subsistência, tornando-se o Piauí um dos principais produtores de gado.

A pecuária na cidade de Isaias Coelho antiga Tamboril teve início com a criação de gado, caprinos, ovinos e suínos que eram de domínio tanto de fazendeiros como de pequenos agricultores:

O gado que era vendido pelos fazendeiros e agricultores de Tamboril e das localidades circunvizinhas seguia uma longa rota até o destino final. Constatou-se que, em finais da década de 1940 e toda a década de 1950, compradores de gado, oriundos de Araripina-Pe e de Cajueiro, povoado pertencente ao município de Jaicós-Pi, firmavam negócios com os fazendeiros do povoado. Os principais compradores eram os Srs. Raimundo Severino, Chico Modesto e Ozéias, da cidade de Araripina-Pe, o senhor Isação do povoado Cajueiro, além de outros que estiveram naquela localidade. (PINHEIRO, 2007, p. 44)

Os compradores do gado vinham de outros estados montados a cavalo, percorriam uma estrada longa, mas retornavam com um número razoável de bovinos às cidades que negociavam o gado:

A mercadoria móvel, que era o gado, saía de Tamboril e rompia as chapadas. Sendo tocados por vaqueiros até chegar à cidade de Paulistana-PI. Daí atravessava a Serra Velha, povoado de Paulistana, entrava no município de Simões e subia a Serra do Araripe-Pe, tanto pela ladeira do Bom Jardim, pertencentes a Simões quanto pela Fazenda Verde (Simões) de propriedade do coronel Procópio Modesto. Dali o gado ia para Araripina-PE e era comercializado nos currais de gado. (PINHEIRO, 2007, p. 45)

As fazendas no Piauí foram aos poucos ganhando proporções. Foram construídas apenas em um pedaço de terra, ao lado levantavam os currais que comportavam o gado, que também era criado solto pelo pasto, se reproduziam facilmente, aumentando o rebanho e conseqüentemente ampliando o número de currais. Com o desenvolvimento do gado e da fazenda os vaqueiros tinham direito em uma parte do gado pelo desempenho do seu trabalho podendo até instalar seu próprio curral. Devido a sua disciplina e dedicação ao seu trabalho, como regalia poderia receber uma porcentagem podendo chegar a 25% dos bezerros nascidos por ano.

A integração do homem com o sertão resultou no surgimento da figura do vaqueiro, profissional que trabalha cotidianamente na “labuta” com o gado. Vale lembrar que essa integração ocorreu através da instalação das fazendas de gado no

interior do Piauí. Símbolo do sertão nordestino, o vaqueiro é assim considerado devido a seu prestígio social conquistado e por ter sido o responsável pela consolidação do seu espaço no meio social. O vaqueiro é sempre visto como uma figura jovem, forte, brava, cuja característica principal é sua coragem, elemento fundamental para poder enfrentar o gado selvagem.

Na composição da imagem do vaqueiro a masculinidade é um aspecto diferenciador de sua identidade e merece consideração na construção de um perfil que foi sendo forjado ao longo dos séculos associado á valentia do homem sertanejo, os quais fazem parte, tipos como, senhor de engenho, coronel, vaqueiro, o matuto, o jagunço, etc.(TAPETY, 2007, p 41)

Segundo argumentos de Queiroz (2006), por falta de transformações no setor econômico o comércio piauiense estava entrando em declínio. Devido à carência e lentidão das inovações no sistema de criação na qualidade do gado o Piauí estava competindo com os rebanhos das demais províncias, como as do centro-sul, que estava passando por transformações aceleradas na economia. Estes aspectos econômicos estavam associados às condições históricas e ambientais próprias do contexto nordestino.

Os primeiros sinais de declínio da economia piauiense começaram a surgir a partir da segunda metade do século XVIII. O Piauí por muito tempo foi um importante centro de distribuição de gado, mas que aos poucos foi diminuindo o abastecimento para os centros urbanos. Os motivos pelo colapso foram à estrutura interna, a atividade criatória era extensiva, a falta de investimento nas fazendas, a dependência do mercado externo e as dificuldades devido a distancia entre as regiões compradoras do rebanho. Outro fator importante foi à concorrência com diversos centros urbanos que dispunha dos mesmos ou mais produtos derivados da pecuária.

2.2 De Tamboril a Isaias Coelho

O surgimento da cidade de Isaias Coelho antiga Tamboril, está relacionado às heranças de antigos sistemas do comércio do gado como também o vínculo com o trabalho e o cotidiano do vaqueiro na lida com o boi.

Às margens do rio Canindé Mafrense, foram estabelecidas diversas fazendas destinadas à pecuária, a primeiras delas segundo relatos dessa comunidade foi

situada nos localidade Poções. A fazenda que recebeu o nome da localidade era um casarão de taipa erguido no tempo da instalação dessa propriedade.

As primeiras notícias acerca do povoamento na cidade de Isaias Coelho remontam a segunda metade do século XIX, ao ano de 1877, quando chega a microrregião do Alto Médio Canindé o Sr. Daniel Gomes Pinheiro e sua família, oriundos do Brejo Seco, no Ceará. (PINHEIRO, 2007, p. 35)

O Sr. Daniel Gomes Pinheiro e sua família fugiam de uma grande seca que arrasava o nordeste em 1877, mas tinham como destino o Estado de Goiás. No entanto, ao chegar aos Poções, descansaram durante a noite, e ao amanhecer descobriram que havia muita caça e ali encontraram uma nascente de água natural perto dos talhados, que eram despenhadeiros pedregosos altos. Neste local as famílias encontravam água para beber, cozinhar e lavar roupas. Na localidade de Brejo Seco de onde havia partido, morava em um sítio pequeno chamado Tamboril, como não havia encontrado moradores no lugar descoberto, deu o mesmo nome a terra por que passou a habitar, dando assim origem ao que mais tarde viria a tornar-se povoado.

Em 1888, foi construída nas proximidades dos talhados⁵ uma pequena capela para as orações dos familiares do Sr. Daniel Gomes e dos novos moradores que se estabeleceram naquela região. Segundo relatos dos moradores foi escolhida como padroeira da capela Nossa Senhora Santa Ana e São Joaquim. As imagens dos santos padroeiros foram trazidas de Salvador na Bahia no lombo de animais. A vinda das imagens foi acompanhada pelos moradores em procissão que vieram desde as terras do povoado Peixe (atual cidade de Conceição do Canindé) com cânticos, orações e batucadas. A preferência da padroeira Santa Ana foi em homenagem a uma moça conhecida como Ana, moradora da localidade e que foi convidada para ser zeladora da capela, pois a mesma era devota de Santa Ana.

Com a criação da capela e a chegada da imagem de Santa Ana, muitos moradores das redondezas começaram a freqüentar a capela. No início a pequena capela ficava aos cuidados da família do Sr. Henrique Pinheiro, Dona Mariana e suas filhas, que eram também os responsáveis pela condução dos terços aos domingos. Como as missas eram celebradas uma vez por ano as famílias construía oratórios em suas próprias residências. Nesses oratórios cada família

⁵ Formações rochosas

tinha seus santos de devoção onde freqüentemente realizavam suas orações e ascendiam suas velas.

Apenas em 1952 foi construído no povoado a Igreja de Nossa Senhora de Santana, cujos festejos passaram a serem comemorados nos dias 25 e 26 do mês de julho. As missas reuniam além dos fieis da localidade como também doas moradores de outras comunidades. Nos festejos eram realizados também venda de diversos produtos que motivou o senhor Daniel Gomes juntamente com os moradores das redondezas organizarem uma feira aos domingos. Nesta feira os residentes das fazendas Poções e Limoeiro trocavam seus produtos agrícolas. A feira era realizada em baixo de um juazeiro, árvore típica da região. Mesmo antes dessa feira, já comercializava no local, o Sr. Antonio Pinheiro de Lisboa, sendo considerado o primeiro comerciante do povoado. Estabeleceram-se logo após os senhores Acelino Gomes Pinheiro, João Antonio Pinheiro, Jacinto Ferreira Passos e Evêncio Pereira da Rocha. O lugar escolhido para a realização desta feira com o tempo, não comportava mais os feirantes e moradores, com isso decidiram, então, construir uma barraca de palha.

Com a demanda de produtos dos setores agrícola e pecuária foram surgindo as primeiras feiras que eram realizadas aos domingos, embaixo de uma típica árvore, um pé de juazeiro. A primeira feira foi instalada em 24 de setembro de 1947, nessa feira concentravam-se os habitantes do então povoado Tamboril espalhados pelas vastas regiões pertencentes às Fazendas Nacionais. Ali acomodavam-se e aglutinavam-se para comercializar os seus produtos. (PINHEIRO, 2007, p. 45)

Este deslocamento da feira para uma palhoça no centro da comunidade propiciou aos comerciantes um número maior de consumidores, pois muitas famílias se deslocavam para o centro da localidade, à procura dos mais diversos produtos. A feira teve importante papel no desenvolvimento do pequeno meio rural. Era através das feiras que havia a interação entre a população, pois vinham pessoas que moravam afastadas do centro. Assim o panorama do pequeno povoado estava mudando, dando lugar à transformação de uma estrutura que tornaria urbana, “aquele mundo que parecia único, simples, unificado, um reino inexpugnável dos antigos potentados rurais, se fragmenta, se descobre vulnerável e sujeito ao caráter corrosivo do tempo e da história”. (ALBUQUERQUE, p. 11)

O povoamento de Tamboril cresceu gradativamente após a instalação da primeira feira, em 24 de setembro de 1947. A construção do galpão que seria o mercado público foi erguida com a ajuda do prefeito de Simplício Mendes, Joaquim Mendes de Oliveira. Um simples galpão aberto e coberto de telhas com quatro pontos de venda.

Esta localidade que pertencia ao município de Simplício Mendes, teve pela primeira vez, no ano de 1948, um representante da região para o cargo de vereador junto à Câmara Municipal de Simplício Mendes, o Sr. Leonisso Vieira de Moura que se reelegeu para os quatro anos seguintes. Em 1962, foi também eleito como vereador Otílio Manoel Rodrigues, que se tornaria mais tarde o segundo prefeito do Município de Isaias Coelho. Os habitantes da localidade aos poucos foram adquirindo credenciais para a obtenção da independência político-administrativa, sendo este os desejos de seu povo que passou a lutar por essa conquista.

No ano de 1963, o desejo de emancipação ganhou força com a ascensão do Nelson Moura Fé, era filho de Simplício Mendes, ao mandato de deputado estadual. Com o apoio e ajuda do então prefeito de Simplício Mendes Ney Madeira Moura Fé, o deputado conseguiu aprovar na Assembléia Legislativa o projeto de sua autoria que iria criar o município de Isaias Coelho. O projeto do deputado foi transformado na Lei nº 2.549, de 09 de dezembro de 1963, que criou o município de Isaias Coelho, com sede no povoado Tamboril, sendo este elevado à categoria de cidade pelo mesmo instrumento legal.

Esta Lei foi sancionada pelo governador em exercício João Clímaco d'Almeida, vice-governador que na época respondia administrativamente em substituição ao governador Petrônio Portela. A mesma publicada no Diário Oficial do Estado em 16 de dezembro de 1963.

O Art. 6º da Lei mencionada estabelece que o município de Isaias Coelho constituirá o Termo Judiciário da Comarca de Simplício Mendes, no qual existirá um Cartório do Registro Civil, na forma da Lei de Organização Judiciária do Estado. Assim o município foi desmembrado de Simplício Mendes, sendo sua circunscrição territorial constituídas das datas Limoeiros e Poções. O território compunha, em sua maior parte, de áreas de terras das antigas fazendas estaduais, que já tinham sido legalizadas na zona rural com a distribuição dos respectivos títulos de posse aos posseiros. A zona urbana da sede, entretanto, permanece de propriedade do Estado.

No dia 15 de março de 1964 foi realizada a primeira eleição do município sendo disputada entre dois partidos, o UDN e o PSD, tendo sido eleito a prefeito o Sr. Nelson Lopes Buenos Aires pela UDN. O poder Legislativo Municipal era composto pelos vereadores: José Rodrigues de Sousa, como vice-presidente, Carlindo José da Rocha, 1º secretário, Euclides Rodrigues de Alencar, 2º secretário e Líbano Martins Vera.

Em 6 de outubro de 1964 foi aprovado o projeto de Lei nº 07, que autoriza o prefeito a dar denominação às ruas da cidade. As primeiras ruas foram se formando em torno da igreja, que receberam os nomes Daniel Gomes, em homenagem ao primeiro habitante, Antonio Marques, ao um fazendeiro da época. Após a denominação das ruas o prefeito construiu o prédio do Comissariado de polícia e deu início a Construção da Prefeitura Municipal. O primeiro delegado nomeado foi o então vereador José Rodrigues de Sousa. As construções do prédio da prefeitura e da edificação da primeira Unidade Escolar que recebeu o nome de Daniel Gomes foram feitas na gestão posterior. No dia 31 de janeiro 1966 foi votado o projeto de Lei nº 31 que estava sendo criado o Povoado São Domingos apresentado pelo vereador Sr. Líbano Martins Veras. A partir de então tendo inicio a formação da cidade de Isaias Coelho.

2.2.1 Origem do Nome

A origem do seu nome é em homenagem ao médico Dr. Isaias Rodrigues Coelho. Esse tributo é em consideração as virtudes e merecimentos demonstrados ao longo de sua vida. O Dr. Isaias Coelho nasceu no dia 20 de outubro de 1890, na fazenda Lagoas, localidade que na época pertencia ao município de Oeiras, e posteriormente foi integrada à Simplício Mendes. Atualmente faz parte a área territorial pertencente ao município de Isaias Coelho.

Isaias Coelho Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, colando grau em 27 de dezembro de 1913. No início de 1914 retornou a cidade de Simplício Mendes onde montou seu escritório médico e passou a clinicar e exercer a medicina como um verdadeiro sacerdócio. Ele consultava e diagnosticava as mais terríveis enfermidades mesmo sem utilizar aparelhos adequados. Desta forma sua fama crescia e alcançava até as mais distantes localidades devido às curas formidáveis obtidas pelo sucesso dos seus tratamento e processos cirúrgicos.

Por ser descendente de família pecuarista, Isaias Coelho era dono de muitas terras, portanto um fazendeiro. Sua fazenda localizava-se na localidade, Tanque, a qual freqüentava assiduamente. Assim como na maioria das fazendas do município, possuía criatório de gado, o qual ficava sob os cuidados do seu irmão Cicinato Coelho Ferreira.

Isaias Coelho faleceu de acordo com Chaves (2007) solteiro no dia 21 de janeiro de 1960 às 20h15min na cidade de Teresina depois de ter sofrido um infarto do miocárdio na manhã do mesmo dia. Foi levado as pressas a capital, onde veio a falecer. Seu corpo foi velado e sepultado em Simplício Mendes sob forte comoção popular.

2.2.2 Localização Geográfica

Situada na microrregião de Altos Piauí e Canindé, Centro-Sul do estado, a cidade de Isaias Coelho é cortada pelo rio Canindé. Afirma Chaves (2007) que o espaço físico é de 664,66 km², tornando-se distante da capital Teresina aproximadamente cerca de 407 km. Ela está centrada à 260 m acima do mar, com coordenadas de 07°44'16" de latitude e 41°40'33" de longitude oeste de Greenwich. Suas fronteiras limitam-se a oeste com os municípios de Patos, Vera Mendes e Itainópolis, no norte com Santa Cruz e Floresta, a oeste Campinas e ao sul com Simplício Mendes e Conceição do Canindé.

A cidade de Isaias Coelho ocupava, no início, uma extensão territorial de 531 km², distante da capital do estado do Piauí, Teresina, cerca de 315 km em linha reta ou 388 por rodovia. Conforme o art. 2º da lei nº 2.549, de 09 de dezembro de 1963, a circunscrição territorial do município ficou constituída das datas Limoeiros e Poções, desmembrados do município de Simplício Mendes. (PINHEIRO, 2007, p. 40)

Chaves (2007) assegura que o município é formado por planícies e planaltos contendo a presença de rochas sedimentares, destacando-se os talhados, próximo a zona urbana. A hidrografia é composta pelo Rio Canindé, pelos riachos Carreiras, Mocambo, Simões (ambos desaguando no rio Canindé), pelas barragens do Taboleirinho, Caraíbas, Mocambo, Sapé, Queimadas, por poços artesianos e várias lagoas como Várzea, Cana Brava, Lagoa Comprida, Lagoa Funda e Lagoa das

Melancias. A hidrografia foi o motivo principal pela estadia do Sr. Daniel Gomes na localidade Poções.

Como afirma Chaves (2007) o clima é tropical semi-árido, quente e seco. Apresentando temperaturas que variam de 25° (mínima) e 38° (máxima). O período de seca é de 7 a 8 meses. Predomina em toda a região a vegetação de caatinga e arbórea, característica da região do semi-árido nordestino. A região tem como riqueza natural a carnaúba. Seus tipos de solo estão caracterizados por: solos considerados pouco desenvolvidos e solos concretizados considerados tropicais com formação rochosa.

O fator principal da economia da cidade é a agricultura de subsistência, a maioria dos moradores vive do cultivo e da venda dos produtos como: feijão, milho, mandioca, arroz, batata, caju e mel.

Os agricultores de Tamboril sobreviviam das plantações na roça. Colhiam feijão, arroz, milho e mandioca, que eram posteriormente, conservados em paióis feito de madeiras, lata de querosene, tubos e, em seguida, guardados para eventuais necessidades. (PINHEIRO, 2007, p. 41)

O outro fator importante na economia local é a pecuária, que é comercializada na cidade e vendida para outros municípios. Os principais rebanhos são: bovino, caprino, ovinos, eqüino, suíno, muares e aves. Outro elemento que colaborou para o desenvolvimento da economia da localidade foi à carnaúba, localizada facilmente no amplo território que pertencia à comunidade. “A carnaúba foi à madeira rudimentar e indispensável ao homem do interior do Estado do Piauí na edificação das primeiras casas de taipa”. (PINHEIRO, 2007, p.43)

Mott (1985) afirma que devido à expansão da cultura canavieira no litoral Nordeste surgiu a necessidade de áreas maiores para a criação do gado, que se tornou uma atividade complementar no funcionamento dos engenhos, sendo utilizado como transporte, consumo da carne, o couro. A pecuária foi a principal atividade econômica responsável pelo povoamento do Sertão Nordeste, adentrando pelo litoral implantando inúmeros currais. No Piauí não foi diferente sendo colonizada por aventureiros financiados pela família Ávila, para desbravarem o território piauiense, com atividade principal, a criação do gado. O sertão piauiense foi durante muito tempo o principal fornecedor de gado para as principais regiões da colônia, no entanto teve início, no Piauí, uma crise econômica que afetava à pecuária piauiense, as principais localidades consumidoras da pecuária já não

exerciam o mesmo poder econômico, e a concorrência de outras regiões também dispunham diversos produtos pecuários, contribuindo para fortalecimento da crise. Mesmo o Piauí passando por uma crise econômica, a pecuária continuou sendo a principal atividade da região durante anos

Pinheiro (2007) assegura que o município de Isaias Coelho surgiu a partir da criação das fazendas de gado, e que teve sua emancipação política guiada pelo desejo dos populares em tornar o lugar em um espaço urbano e possivelmente moderno. O município teve sua independência, com a ajuda dos primeiros vereadores, representantes da comunidade, o Sr. Leonício Vieira de Moura e Otílio Manoel Rodrigues. O desenvolvimento da cidade foi aos poucos ganhando lugar, foram sendo construídos prédios públicos como a Prefeitura Municipal, a Delegacia de Polícia, o Posto de Saúde e entre outros.

Os dados levantados sobre o processo de formação do espaço Nordestino e o surgimento do município de Isaias Coelho, foram apresentados para o conhecimento e compreensão da ligação entre o modo de vida dos habitantes e objeto em estudo, a Festa do Vaqueiro, como homenagem ao sujeito histórico.

3 O VAQUEIRO E A FESTA DO VAQUEIRO

Nosso objetivo neste capítulo é apresentar o vaqueiro como sujeito histórico do Sertão Nordestino e registrar os momentos da Festa do Vaqueiro, como homenagem, que marcou a vida dos populares e do personagem histórico em estudo.

A figura do vaqueiro adquiriu importância e destaque no meio social em que vive devido ao seu trabalho diário com o gado, e o mesmo teria que ser criado solto a procura de pastos. Homem simples que vivia em uma casa humilde, sua vida resume-se a sua família e o seu trabalho. Sua moradia era na maioria das vezes feita de pau-a-pique, com um pequeno quarto para guardar os alimentos para serem consumidos durante o ano, tinha ao lado da casa o curral para o gado adquirido como forma de pagamento pelo desempenho na sua atividade, poderia possuir também ovelhas, galinhas e porcos.

A seca é o período que mais castiga o vaqueiro porque o gado era criado solto tornando-o bravo e esquivo, dificultando principalmente no processo de alimentação, pois o vaqueiro tinha que ajudar o gado em decorrência da falta da vegetação, muitas vezes tinha que viajar léguas a procura de mantimentos. Quando o inverno chega, os riachos enchem e o pasto alarga-se por toda a terra facilitando sua labuta com o gado, pois não vai precisar se deslocar para outros campos a procura de vegetação.

De tempos em tempos era preciso juntar o gado para apartação, castração, ferra ou vender, como argumenta Tapety (2007, p. 26) os primeiros contados do vaqueiro com o gado era “amansar e ferrar os bezerros curá-los de bicheiras, queimarem os campos alternadamente na estação apropriada, eliminar animais que cunham em risco a gadaria”. Seu trabalho com a rês consistia em acompanhar e vigiar o rebanho.

Foi através do seu trabalho que o vaqueiro ficou considerado como, importante símbolo de liberdade e o protagonista principal do processo de formação do estado do Piauí.

O vaqueiro aparece, então, mais como fruto da mística do boi do que como categoria social subordinada, que se definia pelo trabalho na fazenda de gado, sendo o Piauí celebrado como “pátria dos vaqueiros” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 44-5)

Era o vaqueiro quem conduzia a fazenda na ausência do fazendeiro, ficavam sob sua responsabilidade todos os problemas cotidianos que surgissem, tinha pleno direito ao dar ordens a outros funcionários, “o vaqueiro nas fazendas piauienses tinham um papel de destaque, era ele quem administrava a propriedade, negociava o gado nas feiras e tinha poder de tomar decisões em nome do fazendeiro” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 24). Para poder obter um bom desempenho em suas atividades o vaqueiro ficava muitas noites sem dormir principalmente porque era nesse período que costumavam dar crias a maioria da rês.

É no cotidiano do vaqueiro onde suas relações sociais se desenvolvem. É por meio do trabalho, do lazer da vida familiar que se constrói e desenvolve o cotidiano do indivíduo. Seu trabalho tornou-se a mais importante de todas as funções. As aventuras e os ricos que corria fizeram surgir diante da população uma figura heroica e corajosa, tornando-se a figura do vaqueiro uma arte.

Em torno da imagem construída, o vaqueiro torna-se uma lenda diante do imaginário rural, nas fazendas, nas histórias contadas, nos romances, no discurso literário.

A obra Ataliba – o vaqueiro, de Francisco Gil Castelo Branco, retrata tema da seca que se torna de interesse popular, pois o fenômeno abala e frustra os projetos de vida da sociedade além de apontar o vaqueiro e suas peculiares de homem do sertão, ‘trata-se de um homem forte, corajoso, ingênuo, honesto e, sobretudo hábil na convivência com a terra agreste e no desempenho de suas obrigações” (CASTELO BRANCO, 1970, p. 24). É também representado como um símbolo criado a partir da atividade pecuária:

A figura do vaqueiro por se encontrar presente tanto na literatura como nas fontes oficiais, apresenta-se como consistente objeto de investigação histórica sobre o sertão nordestino. Graças à importância dessa figura no conjunto da sociedade que se formou com base no criatório bovino, o vaqueiro é um tradicional símbolo desta parte do Brasil. É dessa forma apresentada na literatura, no anedotário, nas lendas, no folclore, na pintura e até mesmo na historiografia. (BRANDÃO, 2008, p. 127)

Devido a esse trabalho diário com o gado, o vaqueiro não só adquire característica relacionada à sua posição social, como também lhe são atribuídas outras peculiares relacionadas ao seu ambiente regional, o sertão, como características físicas.

Na paisagem inconfundível do sertão nordestino, domínio da caatinga ressequida e espinhenta, vive um tipo humano, cujas características somáticas e psicológicas, são um espelho fiel do meio em que habita. Pequeno no porte, magro e sóbrio de músculos; taciturno e desajeitado em descanso, intrépido e vibrátil quando solicitado para a ação. (FACUNDES, 1975, p. 267)

O sertanejo é visto como um ser audacioso e bravo, pois devido a sua profissão, é percebido como um homem acostumado correr risco de vida atrás do gado em matas fechadas, “trata-se de um homem forte, corajoso, honesto, e, sobretudo hábil na convivência com a terra agreste e no desempenho de suas obrigações” (TAPETY, 2007, p. 42)

O vaqueiro é um homem representado como uma postura masculinizada, heroica, forte, bravo e que sabe contornar situações difíceis na vida e na sua lida diária com o gado, podemos perceber essas qualidades no trecho do cordelista Roseno Oliveira:

O homem vem ao mundo
Por Divina providência
Nas provas que o mundo faz
Deve mostrar resistência
E provar que realmente
Merece sua existência.

Dessa forma é o vaqueiro
Tem o destino traçado
Cresce entre os animais
Na lida com o pesado
Aprende a ser selvagem
Para não ser massacrado.

Por ter sangue sertanejo
Já desde pequenininho
Sua canção é aboio
Uma pisa seu carinho
Seu brinquedo um chicote
Seu transporte um potrinho. (OLIVEIRA, 2010, p.2)

Essa composição da imagem do vaqueiro nos permite perceber que o conceito sobre o sertanejo lhe é atribuído desde o seu nascimento, pois se torna vaqueiro por vontade de Deus e que deve lutar contra as dificuldades que a vida oferece para poder mostrar ao Onipotente que sua vivência não será em vão. Para o cordelista quando o vaqueiro esta na adolescência vai começando a se destacar construindo porteira e curral, plantando e cortando capim, tirando o leite das vacas, pregando arames nas estacas e lançando a rês para ferrar. Usa seu gibão, chapéu e

sua perneira com altivez para poder se proteger dos perigos, pois se torna homem cedo. Montado em seu cavalo sai pelos campos para procurar a gadaria sem ter medo do perigo, pois é um sujeito audacioso, forte e intrépido. Através do seu trabalho cria-se uma relação em que o vaqueiro passa a ser responsável até pela saúde do gado curando suas feridas com ervas ou orações, muitas das vezes pode conhecer cada gado pelo barulho do seu chocalho. Reconhece toda a fazenda e devido a sua convivência sabe o nome de cada gado mesmo sendo um rebanho numeroso. Para poder exercer a profissão de vaqueiro é preciso ser mais que corajoso para poder saber entrar em uma situação difícil e sair da mesma ilesa. Sua família esta sempre em suas orações, pedindo que Deus os abençoe e proteja-os de todo perigo, seu santo de devoção é o menino vaqueiro que sempre santifica seu trabalho. Portanto do cenário nordestino nasce o rei do sertão o vaqueiro, criação do Divino, sertanejo vencedor, figura heróica, forte e distinta.

O posto de vaqueiro era composto por homens livres e agregados. Era um status social e econômico, assim considerado devido a sua responsabilidade e confiança conquistada na fazenda que repercutia na sociedade.

Em decorrência do trabalho e do sistema da quarta poderia possuir sítio, currais de gado e até mesmo escravos, tornando um cargo almejado por diversas pessoas. No entanto o posto de vaqueiro era uma maneira de engajamento social, pois seu trabalho era o único na fazenda que tivesse remuneração, embora um salario baixo, o mesmo podia adquirir bens matérias como suas rês, ou até mesmo possuir sua própria fazenda, esforço este merecido pela sua dedicação e trabalho árdua.

A vestimenta utilizada em seu trabalho diário era feita de couro curtido, conhecida como armadura de couro ou terno de couro, utilizada principalmente para proteger-se dos arbustos e dos espinhos quando iam campear. Além desse o cavalo também tinha direito a indumento que cobria parte do seu corpo.

O uso do terno pelo vaqueiro tem a finalidade de protegê-lo dos galhos de árvores e espinheiros que podem lhe causar escoriações graves no corpo no momento em que estes galopam atrás de um boi no meio da vegetação. Ou no linguajar do vaqueiro, quando eles vão campear o gado. E esta intencionalidade de assegurar uma proteção melhor para o corpo no cotidiano de sua lida, é estendida também ao cavalo, seu principal instrumento de trabalho, mas segundo os próprios vaqueiros, o cavalo não é apenas, instrumento de trabalho e, sim seu melhor amigo e fiel companheiro. Assim, a vestimenta completa do vaqueiro é composta por: mocó de pé, espora, perneira, guarda-peito, gibão, chapéu; enquanto no cavalo são colocados: esteiras, sela, cabeção, rédeas, cabresto, chicote. (SILVA; SILVA, 2009, p. 127)

O gibão na maioria das vezes era fabricado pelo próprio vaqueiro com marcas notáveis de ferro empregado para prender uma parte do couro a outra, o chapéu era cortado sobre medida de uma cuia e costurada ou ferrada com dois cordões de cada lado preso ao queixo utilizado para ligar o chapéu à cabeça. Para o corpo é feito duas proteções para os braços, além das luvas existe a proteção do peitoral utilizado em baixo de uma camisa simples. Para as pernas têm-se as perneiras que são presas sobre a cintura, mas que é solto para o melhor movimento das pernas e para os pés usavam alpercatas e esporas. Como companheiro de jornada o cavalo também recebe apetrechos para se proteger, ele carrega peças de couro que cobrem o peito, o pescoço, a face, as pernas. Além de todo esse preparo existe ainda a sela que é coberta por couro e pano, botado no lombo do cavalo, uma cuia, uma vasilha com comida e uma faca com bainha feita de couro. Todos esses utensílios de couro são parte da cultura da utilização do mesmo por parte do vaqueiro.

A fazenda estava exclusivamente sobre os cuidados do vaqueiro, pois o fazendeiro na maioria das vezes morava em localidades vizinhas. Por trabalhar e passar a maior parte do seu dia com o gado, o vaqueiro era visto como um símbolo de liberdade.

Esta possibilidade de mobilidade social pertinente à categoria do vaqueiro, bem como o tipo de vida que o mesmo levava montado cavalo, dono de seu tempo e livre para se dirigir a lugares diferentes despertava, em todos, o desejo de ser vaqueiro, sobretudo por que somava-se ainda o fato de administrar um patrimônio sem a fiscalização do senhor. Também Foi o tipo de vida do vaqueiro o indicador da propalada liberdade existente no nordeste pastoril. (BRANDÃO, 2008, p. 129)

A rês que eram criadas soltas no pasto quando escapava do bando fazia com que o vaqueiro juntamente com o seu cavalo viesse a percorrer o dia inteiro por campos distantes a procura desses gados. Na maioria, das vezes, morando na fazenda, onde trabalha, logo, bem cedo, até mesmo antes de o dia amanhecer, a primeira função que o vaqueiro faz é equipar seu cavalo, banhar e dar água, logo depois sair para juntar o gado disperso pelos campos e levá-los para o curral guiado pelas toadas. Além dessa lida na busca do gado o vaqueiro é responsável também pelo “tratamento veterinário, a nutrição, a vacinação e a ordenha das vacas.” (VIEIRA, 2006, p. 53)

As funções administrativas desempenhadas pelo vaqueiro não se limitam ao gado. Através do seu trabalho, pela sua responsabilidade e compromisso o vaqueiro adquire uma relação afetiva com o patrão. É com essa dependência recíproca em que o fazendeiro com os seus bens materiais e o vaqueiro com seu trabalho que fazem concretizar a estrutura social do sertão. Essa relação tem como base a solidariedade e lealdade entre os dois, entretanto, continuam existindo as diferenças sociais entre eles.

Seu poder era, portanto, uma delegação do fazendeiro, porém sua autoridade era legitimada pelos demais segmentos sociais. É, entretanto, através de seu comportamento no cotidiano da vida social, econômica e política da região que a figura do vaqueiro se sobressai como elemento que consolida e conserva uma sociedade hierárquica, quase estamental como a do sertão pecuarista do Nordeste. (BRANDÃO, 2008, p. 131)

Apesar de todo esse prestígio social o vaqueiro não teria o mesmo poder que o seu patrão. Uma das diferenças existentes entre essas afinidades estava nas relações de compadrio na qual o vaqueiro entregava seus filhos aos fazendeiros não ocorrendo o contrário. Outro ponto “é a não permissão do casamento entre um vaqueiro e a filha do fazendeiro ou vice-versa.” (BRANDÃO, 2008, p. 132).

É através deste tradicional grupo social, os vaqueiros, que a sociedade piauiense e nordestina vivencia até os dias atuais marcas de práticas culturais e religiosas sertanejas. Esta cultura vaqueira, práticas culturais e comportamentos sociais, continuam ajustados na sociedade Nordestina, pois a economia da região continua “baseada fortemente em atividades primárias e de subsistência ligadas à pecuária”. Essa cultura esta intensamente determinada e recente na tradição popular piauiense.

Sintetizamos um conjunto de práticas e costumes usuais do ser humano sertanejo que vive nas áreas de pecuária extensiva do interior nordestino e que tem na área geográfica e social do Piauí um espaço histórico-político ímpar da representatividade sociocultural deste sujeito histórico: o vaqueiro. (SILVA; SILVA, 2009, p. 122)

Podemos compreender a identidade cultural do vaqueiro considerando-o como sujeito histórico ressaltando o seu cotidiano, sua experiência de vida, a lida com o gado e suas credices. Todas as imagens construídas sobre o vaqueiro estão relacionadas à inclusão a comunidade por meio do seu trabalho.

Através de todos estes estudos podemos compreender a importância do vaqueiro, ressaltando o seu modo de vida e tornando possível acesso à história de vida destes atores sociais nas cidades nordestinas. Este trabalho nos permite, portanto, perceber a importância do vaqueiro como símbolo do sertão e responsável pelo processo de formação do seu espaço social, o sertão.

3.1 Festa do Vaqueiro

A Festa do Vaqueiro na cidade de Isaias Coelho, esta relacionada às heranças de antigos sistemas do comércio do gado e contém vínculos com o trabalho e o cotidiano do vaqueiro na lida diária com o boi. Referindo-se a origem das Festas do Vaqueiro.

Não se sabe ao certo a data ou o local de origem destas festas que se espalharam de forma diferenciada por todo o sertão nordestino, sabe-se que estão ligadas ao ciclo do gado nordestino, pois deste período datam os primeiros registros, e por que as atividades desenvolvidas na festas se assemelham às práticas utilizadas no campo pelos vaqueiros desde o ciclo do gado. (VIEIRA, 2006, p. 45)

A narrativa do Sr. Francisco Santana da Rocha, conhecido como Chico de Quincas, descendente de vaqueiros residente em Isaias Coelho, relembra suas experiências na infância quando brincava de ser vaqueiro, pois era influenciado pelas práticas do pai e avô que tinham suas vidas ligadas a criação do gado.

Minha vida sempre teve ligada ao gado. Eu cresci vendo meu pai e meu avô lidava com o gado bravo, né. Eu lembro que quando eu e meus irmãos éramos pequenos, nosso sonho quando crescer era ser vaqueiro. Nós brincávamos de pegar boi, aí era uma briga para usar o gibão, todo mundo queria usar. (ROCHA, Francisco Santana da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho:16/01/2012)

Observamos neste depoimento que era uma criança filha de um vaqueiro, e que adquire suas características, através da convivência diária com seu pai e avô, nascendo então o desejo de tornar-se vaqueiro. Esta imagem levantada sobre o vaqueiro é tradicional, incorporada às características de um vaqueiro, homem de honra e valentia que dominava o gado bravo.

A origem da atividade cultural no município de Isaias Coelho, segundo relatos dos entrevistados, foi a partir da iniciativa do Padre Geraldo Gereon que já organizava a festa no município de Simplício Mendes.

De acordo com o Sr. Joaquim Pereira da Rocha o grande responsável pela festa, foi Padre Henrique Geraldo Gereon que nasceu em Berlim, nas Alemanha. Foi ordenado sacerdote em 02 de fevereiro de 1963 pela diocese de Osnabrueck, na Alemanha. Em junho de 1966, foi destacado para a diocese de Oeiras-PI. Foi vigário cooperador em Picos – Pi, e pároco em Simplício Mendes e São Francisco de Assis, atuando também nas cidades que faziam parte destas paróquias, como Isaias Coelho.

O Sr. Joaquim, proprietário da Fazenda Bela Vista, cedia todos os anos sua propriedade para as competições. Homem simples, que teve sua vida desde seus antecedentes regida pelo trabalho com o gado.

Eu nasci e me criei vivendo com o gado. Meus pais que foram um dos primeiros habitantes de Tamboril, sempre viveram do gado. Fui criado bebendo o leite do gado, comendo e vendendo a carne, a pele, me casei e criei meus filhos do mesmo jeito. Quando eu era rapaz estudei e me formei como ministro da Igreja de nossa senhora Santana e São Joaquim, mas eu nunca deixo o gado de lado, só agora que já estou velho de mais, mas se eu agüentasse estaria agora encima de um cavalo. (ROCHA, Joaquim Pereira da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho.21/10/2012)

A ligação entre o vaqueiro e o gado torna-se intenso como narra o Sr. Joaquim, tanto que mesmo tendo outras atividades do vaqueiro não esquece suas origens. Em suas lembranças ele conta a importância da festa.

Eu entrego as minhas terras para fazer a festa do vaqueiro, porque fico feliz em ver tanta gente que considera nós vaqueiro. Nestes tempos aqui em casa não parava com tanta gente. Eu fico feliz porque a festa é para os vaqueiros, o momento da gente encontrar com os amigos para brincar, se divertir. Meu avô, meu pai, eu e meus filhos fomos todos vaqueiros e isso é muito bom vê que o povo homenageia a gente. (ROCHA, Joaquim Pereira da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho.21/10/2012)

Os vaqueiros isaiascoelhenses se deslocavam de suas casas para participarem do festejo na cidade vizinha que acontecia uma vez por ano.

Tinham as festas do vaqueiro em Simplício Mendes influenciada pelo Padre Geraldo e com o tempo implantou a festa de vaqueiro em Isaias Coelho e com o tempo acabou mas o povo cobrava dos administradores por que era uma tradição que resistia a certos anos[...] mudou de administrador muda tudo cidade né. Eu participava na organização de uns certos anos para cá, na época de Padre Geraldo eu não participava como organizador por que eu era criança mas eu lembro como era. (ROCHA, Francisco Santana da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho:16/01/2012)

A primeira festa em Isaias Coelho ocorreu no ano de 1973, organizada pelo Padre Geraldo, pela gerência local que atuava na época e por alguns populares e vaqueiros. Durante os anos 1973 a 1975 e 2005 a 2007, as festas tiveram fim devido à ausência da participação da administração local, pois o mesmo era quem financiava a festa. Vejamos os relatos do Sr. Chico de Quincas:

Em 2003 participava como presidente. a organização era o seguinte, tinha o presidente, o tesoureiro, o patrocinador principal que era a prefeitura e o povo que queria ajudar...a gente marca uns dois dias de festa, fazia propaganda nas cidades vizinhas, mandava fazer camisa, boné, tudo para atrair gente para a festa. (ROCHA, Francisco Santana da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho:16/01/2012)

A organização da festa era feita com antecedência e tinha como organizadores a prefeitura local e uma comissão formada por populares que tinham vínculos com o modo de vida do vaqueiro, cuja finalidade era conservar o modo figura e vida do sertanejo, reconhecendo sua bravura e importância, mantendo viva essa tradição nordestina.

Nos últimos anos em que a festa foi realizada, no período de 2005 a 2007, o primeiro dia acontecia no sábado, cujo primeiro momento era a com vinda dos vaqueiros que se reuniam em suas localidades para chegarem à cidade em grupo representando seus lugares.

Após a chegada de todos, reuniam-se em frente à prefeitura para fazerem a passeata pela cidade até chegar à igreja. Os populares também se caracterizavam para poderem participar da caminhada.



Ilustração 01: Passeata dos vaqueiros pela cidade
 Fonte: arquivo particular de Marlene Mauriz de Moura Rocha

Com a chegada de todos, os vaqueiros esperavam em frente à igreja para poder receber uma benção inicial para depois adentrar. A missa é um evento religioso tradicional dos costumes populares do sertão. Na missa o vaqueiro preparado para receber a benção da Santa Padroeira.



Ilustração 02: Chegada dos vaqueiros à Igreja Santana e São Joaquim
 Fonte: arquivo particular de Marlene Mauriz de Moura Rocha

É um momento de fé onde o homem sertanejo deposita sua confiança na esperança de melhoria de vida, pedindo também proteção divina para o seu trabalho, “a missa, inicio da manifestação, é realizada com o objetivo de abençoar os vaqueiros e velar pelos outros vaqueiros já mortos” (VIEIRA, 2006, p. 46). Durante a

missa os vaqueiros fazem de suas peças, como o chapéu e o gibão, oferendas para que sejam abençoadas.



Ilustração 03: Missa em homenagem aos vaqueiros
Fonte: arquivo particular de Marlene Mauriz de Moura Rocha

Logo após a missa os vaqueiros se reuniam no Matina Clube para interagirem e participarem da janta do vaqueiro. Em seguida teria a festa dançante com bandas locais e regionais. Durante este evento acontecia o momento do vaqueiro, onde os mesmos cantavam seus aboios, toadas e repentes, que são cantos feitos pelo vaqueiro onde na maioria das vezes são contadas suas experiências e histórias de vida, e também os repentes cantores que animavam fazendo da músicas disputas entre dois vaqueiros.



Ilustração 04: Aboio dos vaqueiros
Fonte: arquivo particular de Marlene Mauriz de Moura Rocha

Nos relatos do vaqueiro aposentado, o Sr. Osvaldino habitante da cidade permite perceber a importância que é para o mesmo ser conhecido como um dos

vaqueiros mais velhos da localidade e um dos que participou das primeiras festas de vaqueiros no município:

Eu sou vaqueiro desde quando eu nasci, minha vida sempre foi de vaqueiro, meu pai era vaqueiro ai eu aprendi com ele. Particpei das primeiras festas que o padre Geraldo fez por aqui. (OSVALDINO, Silva da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho: 17/01/2012)

O Sr. Osvaldino também foi um dos mais velhos vaqueiros a participarem da festa do vaqueiro desde a cidade de Simplício Mendes, residente na cidade de Isaias Coelho, exprime seus sentimentos e experiências de vida adquiridas no trabalho com o gado:

Eu juntava com uns dez a quinze vaqueiros, nos descia muntado para Simplício Mendes, participava de todas. Era eu, o velho Quincó, depois Chico de Quincas, era muitos vaqueiros, nos andava essas vaquejadas aqui por perto tudo, nesse tempo era bom de mais. Mas a únicas que prestaram foi as que padre Geraldo tomou de conta. (OSVALDINO, Silva da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho: 17/01/2012)

O depoimento do vaqueiro expressa o momento mais significativo da festa, momento este de interação, partilha de vivência e experiência em forma de cantigas:

O momento da festa que achava bom era quando os vaqueiros se juntavam ai passava a noite todinha aboiando, depois nos ia para a missa, mas o que eu achava bom mesmo era o encontro dos vaqueiros. (OSVALDINO, Silva da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho: 17/01/2012)

O significado da Festa, segundo o vaqueiro em entrevista, tem papel importante por ser destinado ao mesmo, figura forte e valente que sobrevive do trabalho diário com o gado. É o momento de interação e felicidade entre os personagens do momento histórico:

A festa é importante porque traz alegria, os vaqueiros tudo se reúne, encontra os que moram em outra cidade, todo mundo brinca feliz. É bom participar de tudo porque a festa é para nós. Se fosse por eu ainda hoje continuava, era uma festa que por eu num acabava nunca. (OSVALDINO, Silva da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho: 17/01/2012)

Ele expressa as dificuldades enfrentadas pelo vaqueiro no trabalho com o gado, tendo como características porte jovem, ser forte e que tenha experiência para saber enfrentar certas situações, pois a lida com o gado requer situações perigosas colocando muitas vezes sua vida em perigo:

Mas agora to aposentado, num to mais lidando com o gado não, num agüento mais não pegar gado é para caba novo a gente vai ficando velho ai tem procurar um canto melhor, porque a lida com gado da muito trabalho. Ser vaqueiro é um dom que a gente tem num é só botar um gibão nas costas e pegar gado não, ser vaqueiro tem que ter responsabilidade e saber responder os seus atos. (OSVALDINO, Silva da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho: 17/01/2012)

No dia seguinte acontecia o café do vaqueiro destinado aos mesmos e a população local. Em seguida os vaqueiros se direcionavam até o campo de corridas para a consumação das apresentações e disputas. No campo tinha a corrida de cavalos e burros e as apresentações dos aboiadores.



Ilustração 05: Corrida dos vaqueiros

Fonte: arquivo particular de Marlene Mauriz de Moura Rocha

A grande homenagem aos vaqueiros se encerrava no fim do dia com a entrega de premiações aos vencedores das disputas. O Sr. Chico de Quincas encerra sua participação relatando a importância da Festa do Vaqueiro:

A festa do vaqueiro é uma homenagem muito bonita para nos vaqueiros, porque faz com que o povo não se esqueça da

importância que nos tivemos antigamente. Hoje em dia é que os jovens estão praticando a vaquejada por esporte, na derruba do boi, mas anos atrás o povo da nossa região e do Piauí inteiro vivia do gado. E a festa serve para o povo brincar, disputar e se divertir homenageando nos vaqueiros. (ROCHA, Francisco Santana da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha. Isaias Coelho:16/01/2012)

A interrupção da festa segundo entrevista ocorreu devido à mudança da administração local. As festas anteriores entre 1973 a 1975 foram organizadas pelo Padre Geraldo e pela população, entretanto nos anos de 2005 a 2007 o principal colaborador era o gestor municipal, o Sr. Waldemar de Mauriz Filho, juntamente com a população. Com a modificação da gestão o festejo deixou de existir. Podemos perceber nos relatos que o desejo dos entrevistados seria a retorno da Festa do Vaqueiro.

Esta manifestação cultural além de proporcionar grande satisfação ao elemento principal da festa, o vaqueiro, oferece também a população local, e aos vaqueiros das localidades vizinhas um momento de grande interação, “este dia de festa conforme a tradição é uma forma de relembrara a figura social símbolo do Piauí: o vaqueiro, bem como os ensinamentos e as práticas deste sujeito histórico”. (SILVA; SILVA, 2009 p. 124) A festa tornou-se um dos momentos mais importante para a sociedade, pois muitos de seus filhos que moram em outras cidades escolhem este momento para retornarem a sua cidade natal e reencontrarem parentes e amigos.

Existem diversas formas, como afirma Gadini e Woitowicz (2007), de manifestações culturais, desde a música até festas religiosas. É a partir das diversas e distintas formas de cultura que fazem surgir as mais diferentes características de cada comunidade, evidenciando às peculiaridades que distingue uma sociedade de outra. É através do ambiente cultural, da rotina que surgem as semelhanças que fundamentam as manifestações culturais. Existem acontecimentos em que essas manifestações se deparam como tentativa de resguardar os rituais e costumes do passado. Explica que, como a cultura, essas demonstrações sociais revigoram diariamente e que constantemente submergem a oferecer espaço a modernas expressões.

Percebemos nos relatos dos entrevistados que a Festa do Vaqueiro foi uma manifestação cultural de relevante importância para os vaqueiros da localidade.

Período de interação e descontração entre a população e o personagem. Tamanha satisfação entre estes sujeitos em representar sua classe corajosa, homens que aventuram suas vidas diariamente a procura do gado, trabalho que precisaria de muita dedicação e força de vontade. Foi através de seus esforços e suas lutas no cotidiano que o protagonista desta amostra cultural recebeu esta merecida homenagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados inclusos nestes capítulos sobre as Festas do Vaqueiro realizadas na cidade de Isaias Coelho-PI, entre os anos de 1973 à 1975 e 2005 à 2007, não informam apenas a procedência, a composição da festa, como também o processo de formação da localidade e do espaço piauiense através do personagem histórico, o vaqueiro.

Aos colhermos todos os documentos, textos e relatos, podemos afirmar que a pecuária foi à atividade econômica de diversas sociedades nordestinas, piauienses e especificamente a cidade de Isaias Coelho, tendo como apoio a ocupação do riacho Canindé Mafrense e a partir daí fazendo surgir diversas fazendas de criação de gado, assim “o ciclo do gado teve a capacidade de povoar todo o sertão nordestino em dois séculos”. (TAPETY, 2007, p.88)

O objeto de pesquisa, todos os dados, os arquivos particulares, as recordações e memórias dos que participaram e contribuíram para a realização do evento foram atenciosamente avaliadas, tendo como embasamentos os teóricos Jacques Le Goff (1990/2005), Roger Chartier (1990), Paul Thompson (1992) entre outros que deram base a este atividade.

Através das entrevistas concluímos que os vaqueiros almejavam o retorno da Festa do Vaqueiro por ser um momento de interação, de homenagem ao personagem histórico que foram de fundamental importância para a formação da cidade de Isaias Coelho.

No decorrer desta pesquisa encontramos muitos questionamentos e indagações que contribuíram para desenvolvê-lo de forma mais precisa, tendo em vista o aprimoramento procurando constituir uma análise histórica. Os eventos descritos fundamentaram-se tanto nas fontes orais como em documentais que ficaram ao alcance da pesquisadora.

As informações adquiridas quanto à sociedade isaiascoelhense induziram a apreciar a cultura desse povo que mesmo enfrentado as infortúnios de um meio rural souberam sobressair de situações e colocar em prática os desejos do seu povoado quanto ao processo de formação da cidade e ao anseio do retorno da realização das atividades culturais antes existentes na localidade, e esse anseio podemos perceber nas entrevistas.

Foi apresentado a transformações e a contribuição da História, o significado do vaqueiro como sujeito histórico para o processo de formação do espaço nordestino, observando o seu estilo de vida e trabalho, os procedimentos de formação da cidade de Isaias Coelho, seus aspectos históricos e culturais e a formação do sertão nordestino.

Este trabalho tem como objetivo apresentar a população à importância da festa, tendo como símbolo, o herói, homem forte e corajoso, o vaqueiro, elemento fundamental para a formação do espaço social desta região, como também do sertão nordestino. A Festa do vaqueiro era uma homenagem para os representantes de uma classe que embora tenha uma forma de vida e trabalho simples foram os responsáveis pela formação e consolidação de onde hoje é a cidade de Isaias Coelho.

A concretização deste trabalho acredita-se contribuir para a ampliação da história e a cultura deste povo, que teve como atividade principal a pecuária e como símbolo histórico o vaqueiro, e como reconhecimento fez-se uma homenagem, a Festa do Vaqueiro. Este estudo, no entanto, estará à disposição como apoio para outras pesquisas que poderão tratar do mesmo tema ou similares.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE, Durval Muniz Junior. **Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gêneros e identidades e identidades espaciais no Nordeste no começo do século.** UFRN. Disponível em:< <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh>> Acesso em: 08 de jan. 2012.

AMADO E FERREIRA, Janaína e Marieta de Moraes, coordenadoras. **Usos e abusos da história oral.** 8ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRANDÃO, Tânia Maria Pires. **O Vaqueiro:** símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. _____In: NEGRO, Antonio Torres. História, cultura e sentimento: outras histórias do Brasil. et. al- Co-editora. Recife: Ed Universitária UFPE, 2008. Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008.

BURKE, Peter. **Variedades da História Cultural.** Tradução de Alda Porto. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CARVALHO, Miguel de. **Descrição do sertão do Piauí,** comentários e notas do Padre Claudio Melo. 2 ed. Teresina: APL, FUNDAC, DETRAN, 2009. 75p. il.(Coleção Grandes Textos vol. 3)

CASTELO BRANCO, Renato. **O Piauí, a terra, o homem e o meio.** São Paulo: Quatro Artes, 1970.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Diffel, 1990.

CHAVES, Erlon. **Isaias Coelho: onde o futuro é promissor.** Isaias Coelho. 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral – Memória, Tempo e identidade.** In: _____. História oral, narrativas, tempo e identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p.33 – 44.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos.** São Paulo: Humanista/FFCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GADINI, Sergio Luis; WOITOWICZ, Karina Jans. **Noções básicas de Folkcomunicações:** uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Edit UEPG, 2007.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IBGE, Rio de Janeiro. **Departamento de Documentação e Divulgação Geográfica e Cartográfica**. *Tipos e aspectos do Brasil*. 10 ed. atualizada e ampl. Rio de Janeiro, 1975.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. et. al. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

_____, **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MONTEIRO, Alcymar. **Os grandes sucessos da vaquejada**: forró tem que ser coladinho, Engazeira. 1998.

MOTT, Luis R. B. **Piauí Colonial**: população, economia e sociedade. Teresina, Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 144.

OLIVEIRA, Roseno. **Vaqueiro**: Literatura de Cordel. Lisieux, Santa Quitéria, 2010.

PAIVA. Odair da Cruz. **História Oral**: possibilidades e procedimentos de Sônia Maria de Freitas. São Paulo, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. – 2. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINHEIRO, Webert Feitosa. **De Tamboril a Isaias Coelho**: a educação dos mestres-escola ao grupo escolar (1935 a 1970). Teresina: 2007.

QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense**: da pecuária ao extrativismo. 3. ed. ver. Teresina. EDUFPI, 2006. p 58.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Samara Mendes Araújo; SILVA, Márcio Iglésias Araújo. **Festa do Vaqueiro**: práticas culturais e religiosas sertanejas nas cidades contemporâneas. In: VASCONCELOS, José Geraldo et. al. *Labirintos de Clio*. Fortaleza: Ed. UFC, 2009

SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferenças**: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TAPETY, Aldrey Freitas. **O VAQUEIRO NO PIAUÍ**: representações e práticas socioculturais (1960 a 2000). Teresina, 2007.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Natã Silva. **O Cotidiano dos Vaqueiros do Sertão Nordestino nas Músicas dos Cantadores Aboiadores**. UFBA, 2006. 81.

FONTES ORAIS

ROCHA, Francisco Santana da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha, Isaias Coelho-PI, 16/10/2012.

ROCHA, Joaquim Pereira da. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha, Isaias Coelho-PI, 21/10/2012.

SILVA, Osvaldino. Entrevista concedida a pesquisadora Anne Karola Carlos da Rocha, Isaias Coelho-PI, 17/01/ 2012.